

VIGILÂNCIA LÍQUIDA¹

*José Dantas SOUSA JUNIOR**

Por meio de um diálogo com David Lyon e Zigmunt Bauman (2014) trata em *Vigilância Líquida* de diversos assuntos ligados à modernidade líquida, como ele mesmo define a sociedade pós-moderna marcada pela liquidez e pelo consumo. Uma modernidade em crescente evolução e fluidez, o que causa transformações nas relações sociais. Em sete capítulos identifica, entre outros temas, o excesso e as novas formas de vigilância, as redes sociais, o que há de positivo e negativo no avanço da tecnologia, além de fazer uma discussão com estudos de outros autores como Marx, Bentham e Foucault.

O tema central do livro consiste em saber se a tecnologia consegue trazer uma verdadeira segurança para as pessoas ou se está apenas transmitindo uma falsa aparência que procura dessa forma satisfazer uma sociedade marcada pelo medo e pela incerteza. Procura mostrar como o avanço das relações sociais na *internet* como o *Facebook* e outros *sites* de relacionamento e entretenimento, colocados no mundo virtual e social, transmite uma sensação de identidade e de segurança às pessoas que procuram demonstrar suas vidas pessoais e suas intimidades em *posts*. Bauman e Lyon evidenciam de forma crítica que não devemos colocar a culpa na tecnologia, na *internet*, pois os computadores não são responsáveis pelo que é colocado na mídia.

A vigilância passou a ser mais intensificada em todo mundo, não só nos Estados Unidos, depois dos ataques de 11 de setembro de 2001. Em aeroportos foram instaladas câmeras de segurança e até escâneres de monitoramento que investigam qualquer conduta suspeita, desde a forma de se vestir até o jeito de olhar. Nos *shoppings*, supermercados e lugares privados aumentaram as técnicas

* UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal – RN – Brasil. 59078-970 – yjunior2013@yahoo.com.br

¹ Resenha da obra: BAUMAN, Z.; LYON, D. **Vigilância Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

de monitoramento com seguranças armados e treinados para impedir a entrada de pessoas que pareçam estranhas. Ao redor das residências, protegidas por câmeras, alarmes e muros altos, existem empresas de segurança vasculhando as ruas, procurando proteger as pessoas do medo que ronda as cidades. Além disso, há um controle de pessoas no *Google*, em registros de cartões e em dados biométricos, identificando quem faz parte ou não da sociedade líquido-moderna ou sociedade do consumo. Em *Vigilância Líquida*, Bauman e Lyon (2014) conseguem trazer uma envolvente análise sobre este novo contexto social mundial.

O primeiro capítulo do livro, o maior deles, com trinta páginas, intitulado “*Drones e mídia social*”, analisa como tudo que antes era visto como privado passa a ser público com a necessidade das pessoas de consumirem certos bens e de estarem sempre presentes em *sites* de relações pessoais. A condição de ser observado e visto, portanto, foi reclassificada de ameaça para a tentação e essa condição passou a ser a prova de reconhecimento social, avidamente desejada e significativa. Numa profícua discussão com Lyon, Bauman identifica como funciona o papel dos administradores do *facebook* e dos *drones* lançados nas mídias sociais e substitui o termo sociedade por rede. Para Bauman e Lyon (2014, p.46), o papel do *facebook* e de outros *sites* sociais é de “[...] trazer a manutenção de um núcleo estável de amigos nas condições de um mundo altamente inconstante, em rápido movimento e acelerado processo de mudança [...]”.

No segundo capítulo – “A vigilância líquida como pós-pan-óptico” – o título dá pistas de uma crítica aos estudos de vigilância de Michel Foucault e de Jeremy Bentham. Bauman vê a vigilância do mundo pós-pan-óptico em outras dimensões, mais além dos pressupostos foucaultianos. Analisa que “[...] a construção, manutenção de pan-ópticos foi transformada de passivo em ativo para os chefes, previstas nas leis miúdas de todo contrato de trabalho [...]” (BAUMAN; LYON, 2014, p.61), onde praticamente o próprio trabalhador já se auto-monitora. Faz uma discussão com Lyon sobre o ban-óptico, cujo principal propósito é garantir que o lixo separado do material decente (refere-se à sociedade que tenta por todos os meios conseguir a sua purificação, seja racial, social ou econômica) e identificado e levado a um depósito adequado, onde o pan-óptico se encarregará mantê-lo e de vigiá-lo até o momento que chegue a sua biodegração.

Nos capítulos III e IV os autores dialogam sobre questões referentes à vigilância, à automação e à segurança. Relembra outros autores, tratam da Modernidade e Holocausto, do sonho da pureza através da aniquilação racial daqueles vistos como estranhos, de um projeto de toda modernidade e não só dos alemães como muita gente diz. Concordo com Bauman que a capacidade instrumental da nossa sociedade tem invertido o que dizia Weber, portanto, não nos leva mais a ajustar os meios aos fins e sim ajustar os meios às possibilidades dos fins.

A discussão mostra que em todo projeto de automação e de exclusão, não apenas no Holocausto, existem técnicas de vigilância controladas através de grandes projetos, mas o que é colocado em questão é a dúvida sobre a eficácia desses projetos numa sociedade que sempre está produzindo estranhos.

No capítulo V, denominado “Consumismo”, sobre novas mídias e classificação social, os autores discutem sobre a forma de como o consumismo se tornou fundamental na produção de divisões sociais e da construção de identidades, este tema visto como possivelmente o mais marcante nas obras de Bauman. O consumo exige uma sedução dos seus consumidores e por possuir uma larga escala, também necessita de uma vigilância com um mesmo padrão e nisso a tecnologia e as mídias sociais são encarregadas de selecionar e classificar estes consumidores, seja através do *Google*, cartões de créditos, *e-mails* ou de outras formas de registro e controle. Do mesmo modo que classificam, excluem os consumidores falhos. “Na área de vigilância consumista, aplicações pan-ópticas e sinópticas são postas a operar logo que se conclui o trabalho de limpeza do terreno a cargo dos ban-ópticos.” (BAUMAN; LYON, 2014, p.118).

Na última parte do livro, capítulos VI e VII, os autores fazem uma análise da vigilância e colocam que a “a vigilância digital é uma espada afiada cuja eficácia não sabemos como reduzir” e, além disso, mostram a pós-modernidade a qual poderíamos, também, analisar como “uma espada com dois gumes, que ainda não conseguimos manejar com segurança”. O livro termina com David Lyon questionando com Bauman se as pessoas podem ter esperança de dias melhores numa vida tão marcada pela incerteza e pela ambivalência no mundo pós-moderno. Isso gera outro debate no qual passam por vários autores em uma discussão em boa parte filosófica. Bauman cita que a esperança é uma qualidade humana e que está presente em todas as fases de nossas vidas, mas também deixa claro que “[...] podemos ter certeza de que vai levar muito tempo até encontrarmos um refúgio seguro em que é possível lançar uma âncora [...]” (BAUMAN; LYON, 2014, p.136).

Recebido em 19/12/2014.

Aprovado em 14/05/2015.

